

A Confusão Profética de John MacArthur

Gary DeMar¹

Tradução: Rogério Portella

Acabei de receber um informe da Moody Press a respeito de um novo comentário sobre o Apocalipse escrito por MacArthur, intitulado: *Because the Time is Near* [*Porque o tempo está próximo*]. Neste momento abrirei mão de criticar o uso feito por MacArthur do adjetivo “próximo” para descrever um acontecimento que eles crê estar “próximo” ao passo que a palavra “próximo”, quando usada pelos escritores do Novo Testamento (p. ex., Tg 5.8; Ap 1.3), não significar “próximo”.

Tenho lidado durante anos com assuntos relacionados aos últimos dias. Envolvi-me com esse tópico pelo fato de os cristãos usarem a teologia dos últimos dias como forma para explicar o estado do mundo e a razão pela qual os cristãos não podem fazer nada para reverter a tendência do momento. MacArthur representa esse ponto de vista quando escreve: “‘Recuperar’ a cultura é um exercício inútil e fútil. Estou convencido de que vivemos em uma sociedade pós-cristã — uma civilização vivente sob o juízo de Deus”.² Uma argumentação interessante pode ser suscitada pelo fato de os moradores da Europa do século 15 viverem sob uma “sociedade pós-cristã” similar. Eis como Samuel Eliot Morison dá início à biografia de Cristóvão Colombo escrita por ele em 1942:

Por volta do fim do ano de 1492 a maior parte dos homens da Europa Ocidental se sentia extremamente pessimista a respeito do futuro. A civilização parecia sumir do horizonte e dividir-se em unidades hostis à medida que sua área de atuação se contraía. Por mais de cem anos não existira nenhum progresso destacado na ciência natural, e o ingresso nas universidades diminuiu, bem como a instrução oferecida se tornou bastante imatura e sem vida. As instituições estavam decadentes, pessoas bem-intencionadas se tornavam cínicas ou se desesperavam, e muito homens inteligentes, por falta de algo melhor para fazer, envidavam esforços para fugir do presente por meio do estudo do passado pagão.

Islã se expandia às custas da cristandade. [...] Os turcos otomanos, depois de destruir as reminiscências do Império Bizantino, conquistaram a maior parte

¹ Gary DeMar é presidente da American Vision (Visão americana) e autor de mais de 20 livros, dos quais o mais recente recebeu o título: *Whoever Controls the Schools Rules the World*.

² *The Vanishing Conscience: Drawing the Line in a No-Fault, Guilt-Free. World*, Dallas, TX: Word, 1994, p. 12.

da Grécia, Albânia e Sérvia; naquele momento atacavam a marteladas os portões de Viena.³

Isso soa familiar? Altere o ano de 1492 para qualquer data moderna, e a descrição feita sobre o mundo de Colombo combinaria com o que ocorre hoje. As principais características e os sinais estão presentes outra vez, ao menos é o que parece.

Os especialistas em profecias do século XV tinham certeza de que o fim estava próximo, do mesmo modo que as pessoas vivas 500 anos antes também estavam da proximidade do fim, e assim quem viveu 500 anos antes deles.

O fim do mundo: a idéia era levada tão a sério na última parte do século XV — não apenas como um conceito, nem como metáfora ou alegoria teológica, mas como uma predição sombria e terrível baseada solidamente na sabedoria divina das profecias bíblicas e experimentadas na vida cotidiana. [...] Nas palavras de Joseph Grünpeck, o historiador oficial do imperador Frederico III, da casa dos Habsburgos: “Quando se percebe o íon miserável e corrupto de toda a cristandade, de todos os costumes, das regras e das leis louváveis, a impiedade de todas as classes, as muitas doenças, os desafios desta época e todos os acontecimentos estranhos, sabe-se que o fim do mundo está próximo. E as águas da aflição serão derramadas por sobre toda a cristandade”.⁴

Como a história atesta, foi o fim do mundo, o término de uma cosmovisão estagnada que desesperançava as pessoas. Apenas 25 anos depois, a história teve revertida sua direção de forma dramática. Por meio de um simples ato, Martinho Lutero vindicou a Bíblia, o Evangelho e a cultura enquanto confrontava a igreja corrupta. O resto, como dizem, é história.

Que torna as especulações de hoje sobre o fim mais confiáveis? Por que os escritores proféticos da atualidade são mais fidedignos? Eles não o são. Os textos proféticos aplicados à geração de Jesus (Mt 24.34) estão sendo aplicados de maneira equivocada à nossa geração. Este é um erro crasso com implicações teológicas e culturais importantes. Livros de profecia como os de MacArthur apenas aumentam a confusão.

Fonte: <http://www.americanvision.org/articlearchive2007/04-24-07.asp>

³ *Admiral of the Ocean Sea: A Life of Christopher Columbus*. Boston: Little, Brown and Company, 1942, p. 3.

⁴ Kirkpatrick Sale, *The Conquest of Paradise: Christopher Columbus and the Columbian Legacy*. New York: Alfred F. Knopf, 1990, p. 29-30.